

LÉXICO MADEIRENSE OBSERVADO POR PORTUENSES

José Carlos Barbosa (*)

barbosajosecarlos15@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

Nuno Jales (*)

nuno.jales@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Com este trabalho pretendemos verificar se certas palavras utilizadas, maioritariamente, na Madeira são conhecidas por pessoas naturais de outras regiões, nomeadamente por portuenses. A maioria da informação foi obtida através de questionários e através da ajuda de alguns falantes nativos do madeirense. Foram feitos dois estudos, um bastante alargado com mais de quatrocentos inquiridos, e outro, um estudo mais minucioso, em que foram inquiridos apenas vinte indivíduos. No primeiro estudo pretendemos, através de um inquérito *online*, saber se os inquiridos teriam conhecimento acerca de dez palavras dos dialetos madeirenses. Ao verificar que este estudo era demasiado alargado e que existiam variáveis que poderiam corromper os resultados, optou-se pela elaboração de um segundo estudo. Neste estudo, foi feito um inquérito com uma abordagem mais individualizada, o que tornou os resultados mais informativos.

PALAVRAS-CHAVE. Variação diatópica, variação lexical, dialetos madeirenses, falantes portuenses.

ABSTRACT. With this paper we intend to verify if certain words mostly used in Madeira are known by people from other regions, namely by people that live in Porto. Most of the data used in this project was obtained due to surveys and interviews with native speakers from Madeira. Two studies were made, the first one had more than four hundred respondents, while the second one had only twenty respondents, but even though this last one was significantly smaller, it was more accurate. With this first study, with the use of an online survey, we intended to know if the respondents knew anything about the ten words that we were focusing on. By coming to the conclusion that this study was so wide and that there were variables that could corrupt the results, a second study was made. This second survey was an individual interview, which led to more informative results.

KEY-WORDS. Geographical variation, lexical variation, Madeira's dialects, Porto's speakers.

* Licenciatura em Ciências da Linguagem, 1.º ano

* Licenciatura em Ciências da Linguagem, 1.º ano

1 - *Introdução*

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo descobrir se pessoas naturais de outras regiões de Portugal que não a Madeira saberão identificar e entender o significado de várias palavras pertencentes ao vocabulário madeirense. Adicionalmente, pretendemos descobrir se os inquiridos naturais da Região Autónoma da Madeira realmente têm conhecimento das palavras e do seu significado e se, caso não as conheçam ou não as saibam identificar, haverá variáveis capazes de explicar estes fenómenos.

Para a elaboração deste trabalho de pesquisa estabelecemos contacto com alguns falantes nativos dos dialetos madeirenses, de modo a saber que palavras utilizar neste estudo, isto é, que palavras podem ser apenas conhecidas na Madeira. Estas palavras estão também atestadas em dicionários de regionalismos.

Neste trabalho, começamos por fazer uma breve contextualização teórica, abordando o significado de variação linguística, variação diatópica, dialetos e variação lexical. Posteriormente, apresentamos um questionário *online* criado para perceber se os inquiridos tinham conhecimento acerca das dez palavras escolhidas (“empalamado”, “pofenta”, “semilha”, “sopapo”, “fornicoque”, “gamesse”, “matracada”, “tropicado”, “morganho” e “tapassol”), sendo analisados e interpretados os seus resultados. De seguida, é apresentado um segundo estudo, que parte também de um questionário, desta vez mais individualizado, nomeadamente com entrevista, juntamente com a análise e interpretação dos resultados. Por fim, apresentamos algumas considerações finais.

2- *Enquadramento Teórico*

2.1- *Variação linguística*

A variação linguística é a propriedade que as línguas têm de se diferenciarem em função da geografia, da sociedade e do tempo, dando origem a variantes e variedades linguísticas (cf. Mateus & Cardeira, 2007).

A variação linguística divide-se em variação diacrónica, diastrática, diafásica e diatópica. A variação diacrónica consiste na mudança das línguas consoante o tempo; a variação diastrática consiste na diferença linguística entre várias classes socioprofissionais; e a variação diafásica baseia-se na alternância de registo de língua consoante as situações.

2.2- *Variação diatópica: os dialetos*

A variação diatópica consiste nas diferentes formas de utilização de uma língua consoante as diferentes regiões onde essa língua é falada. No caso do português, temos variedades nacionais

(português europeu, português brasileiro e variedades africanas) e dialetais (variantes geográficas de uma variedade da língua).

Segundo Azevedo (2005: 182), “what we call a “language” is the sum of its regional and social variants”. Esta citação significa que uma língua é o resultado de todas as suas variantes regionais e sociais. Portugal continental é bastante homogêneo no aspeto linguístico, as diferenças regionais são relativamente pequenas, quando comparadas com outros países europeus. Ou seja, há pouca variação dialetal.

De acordo com Azevedo (2005: 183), “the term “dialect” is merely a neutral way to designate the speech of a social group or a region”, isto é, o termo ‘dialeto’ é apenas a forma de designar o discurso de um grupo ou de uma região.

A nível dos dialetos portugueses, segundo Lindley Cintra (1971), existem três tipos: dialetos setentrionais, centro-meridionais e os insulares. Os setentrionais englobam Trás-os-Montes, Alto e Baixo Minho, Douro e Beira Alta e são caracterizados pelo desaparecimento da oposição entre /b/ e /v/, um fenómeno conhecido como betacismo. Os dialetos centro-meridionais englobam Estremadura, Beira Alta, Ribatejo, Alentejo e Algarve e são caracterizados pela redução do ditongo decrescente [ow] a [o]. Por fim, existem os dialetos insulares, nos quais se inclui os dialetos açorianos e os madeirenses. Estes últimos dialetos serão abordados mais aprofundadamente ao longo deste trabalho de pesquisa.

Os dialetos madeirenses apresentam características específicas. Segundo Mateus (2005), notam-se várias diferenças em relação aos dialetos continentais, tais como a velarização do /a/ tónico, aproximando-se, por vezes, do [ɔ] (ex: *casa*, c[ɔ]sa,) e a palatalização do /l/ quando precedido de [i] (ex: *filletes*, fi[l̥]etes). Outra das diferenças prende-se com o léxico e sobre ela falaremos brevemente na secção seguinte.

2.3- *Variação lexical*

Entende-se que a variação é um fenómeno ocorrente nas línguas. Como abordado anteriormente, a variação pode ser de natureza fonética, sintática, morfológica e até lexical. Centremo-nos, então, na variação lexical. Esta variação existe quando duas palavras diferentes (inclusive ditas em regiões diferentes) caracterizam a mesma realidade, criando uma correlação entre este fenómeno e a sinonímia (cf. Mateus, 2005).

A sinonímia é a relação entre duas ou mais palavras que, embora diferentes, possuem significados equivalentes. Na língua portuguesa, há domínios nos quais este fenómeno se encontra mais representado do que outros. Para além disso, na sinonímia há fenómenos relacionados com

diferenças de registo e com as diferenças das áreas dialetais ou populares em relação à língua considerada comum.

Como se observa neste estudo, existem palavras que possuem os mesmos significados, no entanto, isso não significa que elas sejam obrigatoriamente utilizadas (e até conhecidas) em todas as regiões de Portugal.

3- *O estudo*

3.1- *Metodologia*

A seleção das palavras a usar no estudo foi feita com a ajuda de um falante nativo da Região Autónoma da Madeira, tendo sido confirmadas em dicionários de regionalismos. As palavras escolhidas foram: “empalamado”, “pofenta”, “semilha”, “sopapo”, “fornicoque”, “gamesse”, “matracada”, “tropicado”, “morganho” e “tapassol”.

A recolha dos dados foi feita através de questionários *on-line*, para o primeiro estudo, e questionários *on-line* e entrevistas individuais, para o segundo estudo.

Inicialmente, foi apenas feito um inquérito utilizando a plataforma *Google*, que chegou a mais de quinze mil pessoas. No entanto, apenas quatrocentos e dez indivíduos responderam. Embora tenha existido uma razoável participação, não se conseguiu provar com certeza que as dez palavras seriam, efetivamente, apenas usadas na região da Madeira. Por isso, foi aplicado o mesmo questionário a um número mais reduzido de pessoas (dez falantes nativos de dialetos madeirenses e dez falantes nativos do dialeto portuense), acompanhado de uma entrevista pessoal, de modo a obter mais informações sobre o conhecimento lexical dos informantes.

3.2. *Estudo I*

A primeira questão do inquérito estava relacionada com a idade do inquirido. Existiam cinco intervalos possíveis: menores de dezoito anos; idade compreendida entre os dezoito e os vinte e quatro anos; idade compreendida entre os vinte e cinco e os trinta anos; idade compreendida entre os trinta e um e os quarenta anos; e ainda maiores de quarenta anos. Esta pergunta tinha o intuito de verificar se a idade poderia ou não influenciar as respostas dadas. A grande maioria dos quatrocentos e dez inquiridos (77,6%) pertencia ao segundo intervalo (18-24), enquanto os restantes 22,4% se distribuíam pelos outros intervalos. Isto deve-se ao facto de a maioria dos inquiridos serem estudantes do ensino superior.

A segunda questão estava relacionada com a região da qual o inquirido era natural. Sem surpresa, a grande maioria dos inquiridos (75,1%) era natural da região do Norte, enquanto a segunda maior percentagem (9%) era natural da Região Autónoma da Madeira. Isto deve-se ao facto de os inquiridos pertencerem a faculdades dentro da Universidade do Porto, o que torna estes valores previsíveis.

A terceira questão estava relacionada com a anterior, diretamente direcionada aos inquiridos naturais da Madeira. Questionou-se há quanto tempo viviam em Portugal continental, segundo os seguintes intervalos: menos de seis meses (24,4%), entre seis a doze meses (2,4%), entre doze a vinte e quatro meses (12,2%) e mais de vinte e quatro meses (61%). Fez-se esta questão, pois esta variável podia estar diretamente relacionada com o conhecimento/desconhecimento das palavras escolhidas.

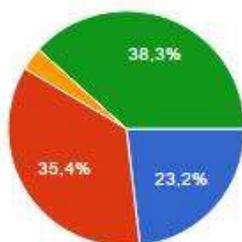
Depois destas questões iniciais, existiam perguntas de escolha múltipla (com quatro opções) com uma palavra dos dialetos madeirenses e possíveis sinónimos.

3.2.1- *Análise detalhada de cada gráfico*

- Relativamente a “empalamado”, cujo sinónimo é “adoentado”, apenas 35,4% dos inquiridos identificou corretamente o sinónimo.

GRÁFICO 1. Sinónimo de “empalamado”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'empalamado'?

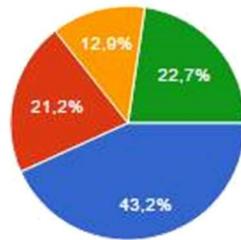


empilhado	95	23,2%
adoentado	145	35,4%
escondido	13	3,2%
pasmado	157	38,3%

- Relativamente a “pofenta”, que tem como sinónimo “vaidosa”, 43,2% dos inquiridos identificou corretamente o sinónimo, existindo ainda assim algumas dúvidas entre as restantes opções, principalmente entre “obesa” e “orgulhosa”.

GRÁFICO 2. Sinónimo de “pofenta”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'pofenta'?

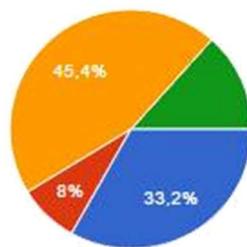


vaidosa	177	43.2%
obesa	87	21.2%
pobre	53	12.9%
orgulhosa	93	22.7%

- “Semilha”, cujo sinónimo é “batata”, foi corretamente identificado por 45,4% dos inquiridos. Esta palavra é muito característica dos madeirenses e por diálogos com falantes nativos percebeu-se que, apesar de eles conhecerem a palavra “batata”, apenas a utilizam para identificar “batata-doce”, pelo que é muito frequente dizerem “semilha”.

GRÁFICO 3. Sinónimo de “semilha”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'semilha'?

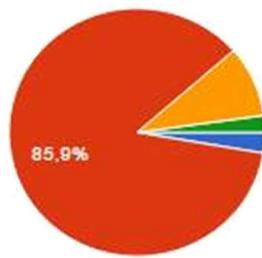


semente	136	33.2%
milho	33	8%
batata	186	45.4%
pão	55	13.4%

- Em relação à palavra “sopapo”, cujo sinónimo é “queda”, causou muita confusão nos inquiridos (apenas 9,3% identificou corretamente). Como já foi previamente referido, a larga maioria dos inquiridos era natural da região do Norte, sendo que, por norma, nesta região a palavra “sopapo” é considerada sinónimo da palavra “soco”. No entanto, esta palavra tem um significado completamente diferente na Madeira.

GRÁFICO 4. Sinónimo de “sopapo”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'sopapo'?

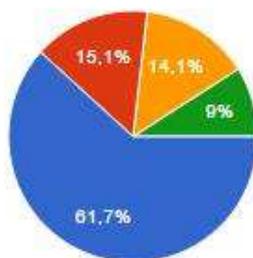


preguiçoso	11	2.7%
soco	352	85.9%
queda	38	9.3%
salto	9	2.2%

- A palavra “fornicoque” foi das mais corretamente identificadas (61,7%) e o seu significado é “ataque de nervos”.

GRÁFICO 5. Sinónimo de “fornicoque”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'fornicoque'?

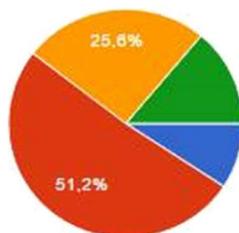


ataque de nervos	253	61.7%
ataque de tosse	62	15.1%
riso	58	14.1%
raiva	37	9%

- “Gamesse” foi outra das palavras com alta percentagem de identificação adequada (51,2%). O seu significado é “pastilha elástica”.

GRÁFICO 6. Sinónimo de “gamesse”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'gamesse'?

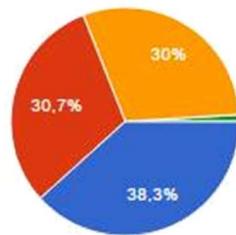


ganso	38	9.3%
pastilha elástica	210	51.2%
cimento	105	25.6%
betoneira	57	13.9%

- No que se refere à palavra “matracada”, cujo sinónimo é “ruído”, apenas 30% a identificou de forma correta. No Porto, a palavra “matraca” é conhecida e significa “boca”, pelo que “matracada” poderia ser “ruído”, visto que apresentava um significado semelhante ao da palavra conhecida. No entanto, os resultados mostram que os falantes não estabeleceram esta associação.

GRÁFICO 7. Sinónimo de “matracada”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'matracada'?

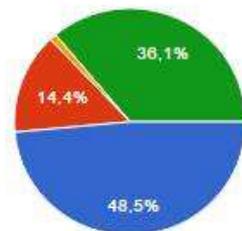


brincadeira	157	38.3%
matraquilhos	126	30.7%
ruído	123	30%
macaco	4	1%

- A palavra “tropicado”, cujo sinónimo é “complicado”, foi uma das palavras com maior taxa de sucesso. Notam-se percentagens semelhantes relativas às palavras “complicado” e “maluco”.

GRÁFICO 8. Sinónimo de “tropicado”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'tropicado'?

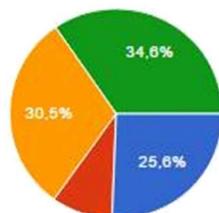


complicado	199	48.5%
tropical	59	14.4%
trombone	4	1%
maluco	148	36.1%

- “Morganho”, cujo sinónimo é “rato”, obteve uma taxa de respostas certas de 34,6%. Segundo tomamos conhecimento (posteriormente ao inquérito ter sido feito), alguns inquiridos, nomeadamente do Porto, conheciam o significado por causa da leitura do livro “Gerónimo Stilton”.

GRÁFICO 9. Sinónimo de “morganho”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'morganho'?

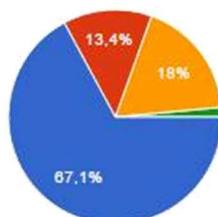


vinho	105	25.6%
colina	38	9.3%
dinheiro	125	30.5%
rato	142	34.6%

- A última palavra das dez escolhidas, “tapassol”, foi a que se percebeu que muito provavelmente era exclusivamente madeirense, pois o seu sinónimo é “persiana”. Esta palavra foi escolhida pela maioria como sendo o sinónimo de “guarda-sol”, o que faz sentido visto que existe uma proximidade entre os termos “tapa” e “guarda”, o que torna mais imediata a correlação.

GRÁFICO 10. Sinónimo de “tapassol”

Qual das seguintes opções, na sua opinião, corresponde a um sinónimo de 'tapassol'?



guarda-sol	275	67.1%
boné	55	13.4%
persiana	74	18%
telhado	6	1.5%

3.3 – Estudo II

Como foi anteriormente referido, sentiu-se a necessidade de efetuar um estudo paralelo que fosse mais concreto e específico, pois o estudo inicial não forneceu tanta informação como se esperava que fornecesse. Esta falta de informação deveu-se ao facto de terem existido variáveis que podem ter corrompido os resultados, inclusive algumas que poderiam ter sido evitadas se o primeiro estudo fosse feito através de outros métodos, ou se pelo menos, os métodos utilizados, fossem usados de uma maneira mais eficiente.

De modo a que fosse possível obter dados mais pormenorizados, foram estabelecidos critérios de inclusão: dez dos inquiridos teriam de ser naturais da região da Madeira, enquanto os outros dez teriam de ser naturais da região do Porto. Estes vinte inquiridos teriam de ter três pontos

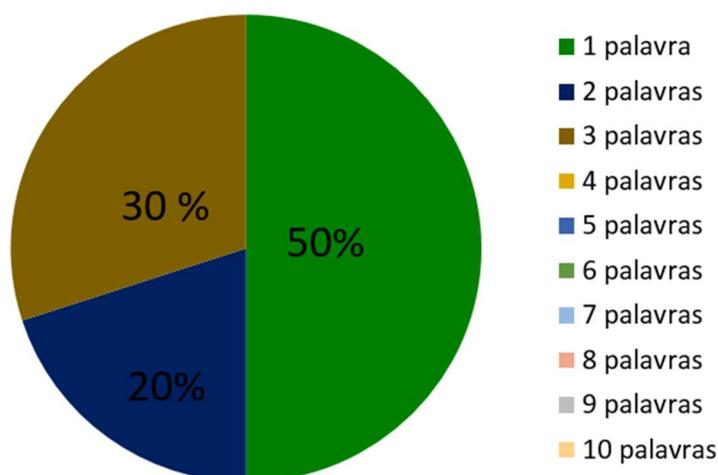
em comum: serem falantes nativos do português europeu, frequentarem o ensino superior (tendo, por conseguinte, as mesmas habilitações literárias) e, por último, terem idades compreendidas entre os dezoito e os vinte e quatro anos.

3.3.1 – *Análise detalhada de cada gráfico*

No gráfico 11, referente às respostas dadas pelos inquiridos naturais do Porto, observa-se que a maioria (50%) identificou a forma adequada em apenas uma questão. Consta-se, também, que uma pequena percentagem (20%) identificou a forma adequada em duas questões, bem como é possível observar que 30% identificou os sinónimos de três palavras. Não existiram mais que três palavras corretamente identificadas por inquirido.

Numa entrevista pessoal, os inquiridos explicaram o porquê de terem escolhido cada opção, sendo que a resposta mais dada, foi “segui-me pela intuição e pelo que parecia mais lógico”. Isto leva a crer que grande parte dos inquiridos conhecia as palavras, podendo quase assumir-se que estas são palavras exclusivamente madeirenses. Todos os inquiridos apontaram sinónimos desadequados para as palavras “sopapo”, “morganho”, “tapassol” e “semilha”.

GRÁFICO 11. Número de palavras corretamente identificadas por falantes naturais do Porto

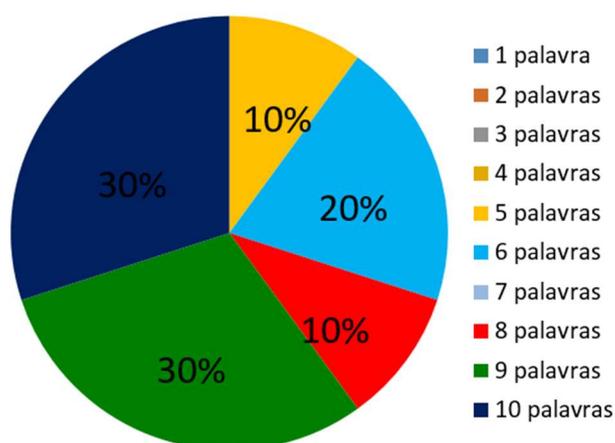


No gráfico 12, referente às respostas dadas pelos inquiridos naturais da Madeira, observa-se que houve melhorias em termos de respostas adequadas. Existiram, pelo menos, 5 palavras adequadas por inquirido, tendo havido mesmo 3 inquiridos que responderam corretamente a todas as dez questões. A maioria dos inquiridos (60%) acertou no mínimo em 9 palavras, enquanto os

restantes (40%) responderam entre 5 a 8 palavras corretamente. Curiosamente, os madeirenses que erraram mais palavras admitiram viver no continente entre 12-24 meses ou há mais de 24 meses. Por outro lado, os inquiridos que acertaram entre 8 a 10 palavras admitiram viver no continente há menos de 6 meses e entre 6-12 meses.

A partir desta informação, podemos concluir que o que pode explicar estes resultados é o facto de, mesmo dentro da região da Madeira, existir variação linguística, o que, dependendo do tipo de variação (seja devido ao tempo ou ao espaço geográfico), pode influenciar bastante o conhecimento dos inquiridos relativamente às palavras em questão. Uma outra explicação, também viável, é o facto alguns viverem há mais tempo do que outros no continente, pois o tempo vivido no continente pode estar diretamente ligado a algumas perdas de léxico.

GRÁFICO 12. Número de palavras corretamente identificadas por falantes naturais da Madeira



4- Considerações finais

Através destes dois estudos, especialmente o *Estudo II*, podemos afirmar que, embora nenhum falante natural da Madeira tenha tido taxa de sucesso de 100%, existem quatro palavras que podem ser consideradas exclusivamente madeirenses. Esta característica tem em conta a taxa de sucesso dos madeirenses nestas quatro palavras, juntamente com a taxa de insucesso dos portuenses nestas mesmas palavras (“sopapo”, “morganho”, “tapassol” e “semilha”).

No entanto, tal não pode ser dito relativamente ao *Estudo I*, pois os resultados não foram suficientemente concretos para sustentar esta conclusão. O motivo pelo qual isto acontece é o facto de, provavelmente, o método utilizado não ter sido o mais conveniente, ou pelo menos, não usado corretamente. O facto de este questionário ter questões fechadas torna a tarefa mais fácil para o inquirido (pois tem as opções à sua frente e pode, em caso de dúvida, escolher aleatoriamente), o

que, conseqüentemente, pode influenciar (bastante) os resultados de cada inquérito. Porém, como o *Estudo II* teve uma abordagem mais individualizada, pelo menos foi possível identificar os inquiridos que, apesar de terem respondido corretamente, não conheciam e nunca tinham ouvido falar das palavras em questão.

Na nossa análise, o facto de os madeirenses não terem tido todos taxas de sucesso excelentes deve-se a três razões principais: viverem no continente há tempo suficiente para que haja percas significativas de léxico; existir variação diatópica dentro da região da madeira, isto é, o léxico poder depender da zona da qual são naturais; e, por último, existir variação diacrónica, ou seja, as palavras (neste caso) podem ter perdido uso ao longo do tempo.

Referências

- Azevedo, Milton M. 2005. *Portuguese: A Linguistic Introduction*. Cambridge: University Press, 182-185.
- Santos, Isabel Almeida. 2003. *Variação linguística em espaço rural*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Mateus; M. H. & Cardeira, E. 2007. «Como é a variação do português no espaço». *O Essencial sobre língua portuguesa. Norma e variação*. Lisboa: Caminho.
- Segura, L. 2013. *Variedades dialetais do português europeu*. In Raposo, E.P. et al. (orgs.) *Gramática do Português*, vol.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 85-142.
- Vilela, Mário. 1994. *Estudos da lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 12-58
- www.navegadormensal.no.sapo.pt/regionalismo.htm
- www.cantinhodamadeira.pt/index.php/component/k2/item/801-regionalismos
- <http://nomundodasescolhas.com/como-falam-os-madeirenses-93520>